

# GILBERT KEITH CHESTERTON

O NAPOLEÃO DE  
NOTTING HILL

**Gilbert Chesterton**  
**O Napoleão de Notting Hill**

*[http://www.litres.ru/pages/biblio\\_book/?art=25021507](http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=25021507)*

*O Napoleão de Notting Hill:*

# Содержание

PARA HILAIRE BELLOC	4
Livro I	6
Observações introdutórias sobre a Arte da Profecia	6
O Homem de Verde	13
A Colina de Humor	36
Livro II	46
A Carta das Cidades	46
Конец ознакомительного фрагмента.	59

# G. K. Chesterton

## O Napoleão de Notting Hill

### PARA HILAIRE BELLOC

Para cada pequena cidade ou lugar  
Deus fez as estrelas especialmente;  
Os bebês olham para cima como corujas  
E as veem acima enroscadas em uma árvore:  
Você viu uma lua nas colinas de Sussex,  
Uma lua de Sussex, parada,  
Vi uma lua que era da cidade,  
A maior lâmpada em Campden Hill.

Sim, o Céu está em toda parte em casa  
A grande tampa azul que sempre se encaixa,  
E assim é (fique calmo, pois já terminam,  
Finalmente, minhas divagações),  
E assim é, com o heroísmo;  
Não terminará nem com o fim do mundo,  
E embora os sinistros motores continuem girando,  
Não tenha medo, meu amigo.

Não terminou com a urna de Nelson  
Onde uma Inglaterra imortal assenta-se.

Nem em Austerlitz, onde altos jovens  
Bebem a morte como o vinho.  
E quando os pedantes nos indicaram  
Quais frios acontecimentos mecânicos  
Devem acontecer; nossas almas dizem no escuro,  
“Talvez, mas há coisas melhores.”

Melhor que estas cercanias  
Estes níveis suaves e desolados  
Os tambores devem bater uma valsa de guerra  
E a Morte deve dançar com a Liberdade;  
Melhor que as barricadas retumbem  
Matança abaixo e fumaça acima,  
E a morte, o ódio e o inferno declaram  
Que os homens encontraram algo para amar.

Longe de seu planalto ensolarado  
Vi o sonho, as ruas onde pisava  
As ruas retas iluminadas que espalhavam-se e encontravam-se  
As ruas estreladas que apontavam para Deus.  
Esta lenda de uma hora épica  
Uma criança sonhei, e sonho ainda,  
Sob a grande e cinza torre de água  
Que atinge as estrelas em Campden Hill.

*G.K.C*

# Livro I

## Observações introdutórias sobre a Arte da Profecia

A raça humana, a que muitos de meus leitores pertencem, diverte-se com jogos infantis desde o início dos tempos, e provavelmente vai fazê-lo até o fim, o que é um incômodo para as poucas pessoas crescidas. E um dos jogos prediletos é chamado de *Mantenha o amanhã misterioso*, e que também é chamado (pelos camponeses em Shropshire, não tenho dúvida) *Engane o Profeta*. Os jogadores ouvem com muita atenção e respeito a tudo o que os homens inteligentes têm a dizer sobre o que deve acontecer na próxima geração. Os jogadores então esperam até que todos os homens inteligentes estejam mortos, e os enterram com respeito. Então, fazem alguma outra coisa. Isto é tudo. Para uma raça de gostos simples, no entanto, é muito divertido.

A humanidade, como uma criança, é teimosa e adora segredinhos. E desde o início do mundo nunca fez o que os sábios dizem ser inevitável. Eles apedrejaram os falsos profetas, diz-se, mas eles poderiam ter apedrejado os verdadeiros profetas com um prazer maior e mais justo. Individualmente, os homens podem apresentar uma aparência mais ou menos racional, comer,

dormir, ou planejar algo. Mas a humanidade como um todo é mutável, mística, inconstante, deliciosa. Os homens são homens, mas o Homem é uma mulher.

Mas, no início do século XX, o jogo *Engane o Profeta* se tornou bem mais difícil do que nunca. A razão era que havia tantos profetas e tantas profecias que era difícil evitar todas as suas ocorrências. Quando o homem fazia algo frenético, livre e totalmente seu, um pensamento horrível o feria depois: que seu ato poderia ter sido previsto. Sempre que um duque escalava um poste, quando um Superintendente ficava bêbado, ele não poderia ser realmente feliz, ele não poderia ter certeza de que não estava cumprindo algumas profecias. No início do século XX não se podia ver o chão em que pisavam os homens inteligentes. Eles eram tão comuns que um homem estúpido era absolutamente excepcional, e quando o encontravam, multidões na rua o seguiam, guardavam e davam-lhe algum alto posto no Estado. E todos os homens inteligentes se dedicavam a informar o que iria acontecer na próxima era, visões muito claras, mordazes e severas, e todas muito diferentes entre si. E parecia que o bom e velho jogo de enganar seus antepassados não poderia realmente ser ganho neste momento, porque os antepassados negligenciavam a carne, o sono e a prática da política, para que pudessem meditar dia e noite sobre o que seus descendentes estariam propensos a fazer.

Mas a forma como os profetas do século XX passaram a trabalhar foi a seguinte: eles pegavam uma coisa ou outra que

certamente estava acontecendo no seu tempo, e então diziam que esta iria ocorrer cada vez mais até que algo extraordinário aconteceria. E muitas vezes acrescentavam que em algum lugar estranho esse algo extraordinário já havia acontecido, e que isso constituía um sinal dos tempos.

Assim, por exemplo, havia o Sr. HG Wells e outros, que pensavam que a ciência iria tomar conta do futuro, e assim como o automóvel é mais rápido que o coche, então alguma coisa linda seria mais rápida do que o automóvel e assim por diante para sempre. E surgiu, a partir de suas cinzas, o Dr. Quilp, que disse que um homem podia ser enviado tão rápido ao redor do mundo em sua máquina que poderia manter uma longa conversa com alguém de uma aldeia do velho mundo dizendo uma palavra de uma frase a cada vez que desse uma volta. E foi dito que a experiência havia sido tentada com um velho major apoplético, que foi enviado em volta ao mundo tão rápido que parecia (para os habitantes de outra estrela) uma faixa contínua de bigodes brancos, pele vermelha e tecido tweed, como um anel de Saturno.

Em seguida, houve a escola oposta. Entre eles, o Sr. Edward Carpenter, que achava que em breve deveríamos retornar à Natureza, e viver de forma simples e lenta, como os animais fazem. E Edward Carpenter foi seguido por James Pickie (do Pochontas College), que disse que os homens melhoravam imensamente pela ruminção, comendo seu alimento de forma lenta e continuamente, à maneira das vacas. E ele disse que tinha, com os resultados mais encorajadores, colocado alguns

cidadinos de quatro num campo cheio de costeletas de vitela. Em seguida, Tolstoi e os Humanitários disseram que o mundo estava crescendo mais misericordioso, e, portanto, ninguém jamais teria o desejo de matar. E o Sr. Mick não só se tornou um vegetariano, mas posteriormente declarou o vegetarianismo condenado (“o derramamento”, como ele chamou finamente, “do sangue verde dos animais silenciosos”), e previu que os homens de uma era melhor viveriam apenas de sal. E então veio o panfleto do Oregon (onde a proposta foi tentada), o panfleto chamado “Por que o Sal deve sofrer?”, e houve mais problemas.

E por outro lado, algumas pessoas previam que as linhas de parentesco se tornariam mais estreitas e rigorosas. Entre elas, o Sr. Cecil Rhodes, que pensava que a única coisa do futuro seria o Império Britânico, e que haveria um abismo entre aqueles que eram do Império e aqueles que não eram, entre o chinês em Hong Kong e o chinês de fora, entre o espanhol no Rochedo de Gibraltar e do espanhol fora dele, semelhante ao abismo entre o homem e os animais inferiores. E da mesma forma seu impetuoso amigo, Dr. Zoppi (“o Paulo do anglo-saxonismo”), foi ainda mais longe, e declarou que, como resultado desse ponto de vista, o canibalismo deveria significar comer um membro da Império, e não comer um membro dos povos submetidos, que deveriam, segundo ele, ser mortos sem dor desnecessária. Seu horror à ideia de comer um homem da Guiana Inglesa mostrou as pessoas como elas não haviam compreendido seu estoicismo, que o consideravam desprovido de sentimento. Ele

ficou, no entanto, em uma posição difícil, pois foi dito que ele tinha tentado o experimento, e, vivendo em Londres, tinha subsistido inteiramente de moídos de italianos. O seu fim foi terrível, pois quando ele tinha recém começado, Sir Paul Swiller leu seu grande artigo na Royal Society, provando que os selvagens não apenas faziam muito bem em comer seus inimigos, mas tinham direito por razões morais e de higiene, pois era verdade que as qualidades do inimigo comido, passavam para o comedor. A noção de que a natureza de um órgão de um homem italiano estava irrevogavelmente crescendo e florescendo dentro dele era mais do que o velho e gentil professor poderia suportar.

Havia também o Sr. Benjamin Kidd, que disse que a marca crescente de nossa raça seria o cuidado e conhecimento do futuro. Sua ideia foi desenvolvida com mais força por William Borker, que escreveu aquela passagem que todo estudante sabe de cor, sobre os homens em eras futuras chorando pelos túmulos de seus descendentes, e os turistas que estão sobre a cena da histórica batalha que deveria realizar-se alguns séculos depois.

E o Sr. Stead, também proeminente, que achava que a Inglaterra no século XX se uniria a América; e seu jovem tenente, Graham Podge, que incluiria os estados de França, Alemanha e Rússia na União Americana, o Estado da Rússia sendo abreviado para Ra.

Havia também o Sr. Sidney Webb, quem disse que que o futuro veria um aumento continuo da ordem e limpeza na vida das pessoas, e seu pobre amigo Fipps, que enlouqueceu e correu

o país com um machado, cortando os galhos das árvores, sempre que não tivesse o mesmo número em ambos os lados.

Todos estes homens inteligentes estavam profetizando com toda a sorte de engenhos o que iria acontecer em breve, e todos eles fizeram isso da mesma maneira, tomando algo de “forte tendência”, como se diz, e esticando-o tanto quanto a sua imaginação aceitava. Isso, segundo eles, era o verdadeiro e simples caminho de antecipar o futuro. “Assim”, disse o Dr. Pellkins, em uma bela passagem, “quando vemos um porco em uma ninhada maior do que os outros porcos, sabemos que por uma lei inalterável do Inescrutável, este porco vai algum dia ser maior do que um elefante, da mesma forma como sabemos, quando vemos ervas daninhas e dentes de leão crescendo mais grossos em um jardim, que estes devem, apesar de todos os nossos esforços, crescer mais altos do que as chaminés e encobrir a casa, do mesmo modo que sabemos reverentemente reconhecer que, quando qualquer poder na política humana atinge considerável destaque por algum período de tempo, este vai continuar até atingir o céu.”

Certamente parece que os profetas haviam colocado as pessoas (envolvidas no velho jogo de *Engane o Profeta*) em uma dificuldade sem precedentes. Parecia muito difícil fazer qualquer coisa sem cumprir algumas de suas profecias. Mas havia, no entanto, nos olhos dos trabalhadores nas ruas, dos camponeses nos campos, dos marinheiros e das crianças, e especialmente as mulheres, um olhar estranho que manteve os homens sábios em

um perfeito estado de dúvida. Eles não podiam imaginar a alegria imóvel em seus olhos. Eles ainda tinham algo na manga, pois eles ainda estavam jogando o jogo de Enganar o Profeta. Então nos sábios cresceu uma dúvida selvagem, que os agitava de cá para lá e passaram a gritar: “O que pode ser? O que pode ser? O que será de Londres daqui a um século? Há algo que não se tenha pensado? Casas de cabeça para baixo... mais higiênicas, talvez? Homens andando em mãos-pés flexíveis, talvez? ... Veículos lunares motorizados ... sem cabeça...” E assim, eles se agitavam e se perguntavam até que morreram e foram respeitosamente enterrados. Então o povo foi e fez o que queria. Não vou mais esconder a dolorosa verdade. As pessoas tinham enganado os profetas do século XX. Quando a cortina sobe nesta história, oitenta anos após a data presente, Londres é quase exatamente como é agora.

# O Homem de Verde

Poucas palavras são necessárias para explicar por que a Londres de daqui a cem anos será muito parecida com a de agora, ou melhor, dado que devo falar a partir de um passado profético, por que Londres, quando a minha história começa, é muito parecida daquela dos dia invejáveis enquanto ainda estava vivo.

A razão pode ser expressa em uma frase. As pessoas tinham perdido absolutamente a fé em revoluções. Todas as revoluções são doutrinárias, tais como a francesa, ou a que introduziu o cristianismo. Pois para o senso comum não se pode virar todo o existente, os costumes e compromissos, a menos que acredite-se em algo transcendente, algo positivo e divino. Agora, a Inglaterra, durante este século, perdeu toda a crença nisso. Passou a acreditar em algo chamado Evolução. E disse: “Todas as mudanças teóricas acabaram em sangue e tédio. Se mudarmos, temos de mudar lentamente e com segurança, como os animais fazem. As revoluções da natureza são as únicas bem-sucedidas. Não houve reação conservadora em favor das caudas.”

E algumas coisas mudaram. Coisas em que não se reparava muito sumiram de vista. Coisas que aconteciam poucas vezes passaram a não acontecer de todo. Assim, por exemplo, a força física real de governar o país, os soldados e policiais, ficaram cada vez menores, até quase desaparecer. As pessoas

combinadas poderiam ter varrido os policiais que restaram em dez minutos: mas não o fizeram, porque não acreditavam que isso iria fazê-las algum bem. Elas tinham perdido a fé em revoluções.

A democracia estava morta, porque ninguém se importava qual classe governante governava. A Inglaterra era agora praticamente um despotismo, mas não hereditário. Alguém na classe oficial era nomeado rei. Ninguém se importava como e ninguém se importava quem. Ele era apenas um secretário universal.

Desta forma, tudo em Londres estava bem quieto. Aquela vaga e um tanto quanto depressiva confiança nas coisas acontecendo como sempre acontecem, que é para todos os londrinos um estado de espírito bem familiar, tinha se tornado uma condição constante. Não havia realmente nenhuma razão para qualquer homem fazer qualquer coisa além do puro hábito.

Portanto, não havia qualquer razão pelo qual três jovens que sempre caminharam em conjunto até o escritório do governo não deveriam caminhar juntos nesta manhã de inverno. Tudo nesta era tornou-se mecânico, principalmente os secretários do governo. Todos esses funcionários se reuniam regularmente em seus postos. Três desses funcionários sempre andavam para a cidade juntos. Toda a vizinhança os conhecia: dois deles eram altos e um baixo. E nesta manhã o secretário baixo estava apenas alguns segundos atrasado para se juntar aos outros dois que passavam por sua porta: ele poderia ultrapassá-los em três

passos, ele poderia chamá-los facilmente. Mas não o fez.

Por alguma razão, que nunca será entendida até que todas as almas sejam julgadas (se é que elas serão julgadas, a ideia era, neste momento, classificada como culto fetichista), ele não juntou-se aos seus dois companheiros, mas caminhou firmemente atrás deles. O dia estava cinza, sua vestimenta era cinza, tudo era cinza, mas por algum impulso estranho ele andou rua após rua, distrito após distrito, olhando para as costas dos dois homens, que teriam virado-se ao som de sua voz. Agora, há uma lei escrita no mais escuro dos Livros da Vida, e é esta: Se você olhar para algo novecentas, noventa e nove vezes, você está perfeitamente seguro, se você olhar pela milésima vez, você está sob o terrível perigo de vê-lo pela primeira vez.

Assim, o funcionário do governo mais baixo olhava para as caudas dos casacos dos funcionários do governo mais altos, e rua após rua, esquina após esquina, vendo apenas caudas, caudas, e novamente caudas – quando, sem saber o porquê, algo aconteceu aos seus olhos.

Dois dragões negros estavam andando para trás na frente dele. Os dois dragões negros estavam olhando para ele com olhos malignos. Era verdade que dragões estavam caminhando para trás, mas eles mantinham os olhos fixos nele. Os olhos que ele viu eram, na verdade, apenas os dois botões na parte de trás de uma casaca: talvez alguma memória tradicional da insignificância dos botões deu um destaque imbecil ao olhar. A fenda entre as caudas era a linha do nariz do monstro: sempre

que as caudas agitavam com o vento do inverno os dragões lambiam seus lábios. Foi apenas uma fantasia momentânea, mas para o pequeno funcionário ficaria gravada em sua alma para sempre. Ele nunca poderia voltar a pensar em homens vestidos de casacos, exceto como dragões andando para trás. Ele explicou depois, com bastante tato e cortesia, a seus dois amigos oficiais que (enquanto sentia uma consideração inexprimível para com eles) ele não poderia seriamente considerar o rosto deles como qualquer coisa exceto uma espécie de cauda. Era, ele admitiu, um belo rabo, uma cauda elevada no ar. Mas se, segundo ele, qualquer verdadeiro amigo deles desejasse ver seus rostos, para ver dentro dos olhos de suas almas, que ao amigo deve ser permitido andar com reverência atrás deles, de modo a vê-los por trás. Lá, ele veria os dois dragões negros com os olhos cegos.

Quando pela primeira vez os dois dragões negros saltaram no nevoeiro sobre o pequeno funcionário, tiveram meramente o mesmo efeito de todos os milagres – eles mudaram o universo. Ele descobriu o fato que todos os românticos sabem – que aventuras acontecem em dias sombrios, e não nos ensolarados. Quando a corda da monotonia é tensionada ao máximo, então arrebenta com o som de uma música. Ele mal havia notado o clima antes, mas com os quatro olhos mortos fixos nele, olhou em volta e percebeu o estranho dia morto.

A manhã estava invernal e turva, não enevoadada, mas escureceu com a sombra da nuvem ou neve que impregna tudo num crepúsculo verde ou cobre. A luz que existe em tal dia não

parece vir dos céus claros mas de uma fosforescência apegada às próprias formas. A carga do céu e das nuvens é como uma carga de água, e os homens movem-se como peixes, sentindo que eles estão no fundo de um mar. Tudo numa rua de Londres completa a fantasia, as carruagens e táxis lembram criaturas da profundidade com olhos de fogo. Ele ficou assustado inicialmente ao encontrar dois dragões. Agora descobriu que estava entre dragões marinhos que possuem o fundo do mar.

Os dois jovens que estavam na frente eram, como o pequeno, bem vestidos. As linhas de seus casacos e chapéus de seda tinham a luxuriante severidade que torna o almofadinho moderno, horrível como ele é, num exercício favorito do desenhista moderno: esse elemento que o Sr. Max Beerbohm admiravelmente expressa em falar de “certas harmonias entre o roupas escuras e a perfeição rígida do linho”.

Eles andavam com a marcha de uma lesma afetada, e falaram em largos intervalos, soltando uma frase a cada seis postes.

Eles passavam pelos postes de luz, sua fisionomia tão inabalável que numa descrição fantasiosa quase se poderia dizer que os postes de luz passavam pelos homens, como em um sonho. Então o homem pequeno, de repente correu atrás deles e disse:

– Quero cortar meu cabelo. Sabe de alguma pequena loja em qualquer lugar onde cortam seu cabelo propriamente? Continuo a cortá-lo, mas sempre volta a crescer novamente.

Um dos homens altos o olhou com o ar de um naturalista aflito.

– Ora, aqui é um lugar – gritou o pequeno homem, com uma espécie de alegria imbecil, quando a janela brilhante abaulada de um elegante salão de cabeleireiro brilhou abruptamente no nevoento crepúsculo.

– Sabe, frequentemente encontro cabeleireiros quando ando por Londres. Vou almoçar com vocês em Cicconani. Sabe, sou um grande apreciador de cabeleireiros. São muito melhores do que os desagradáveis açougueiros – e desapareceu pela porta.

O homem chamado James continuou a olhar, com um monóculo encaixado no olho.

– Que diabo fazemos desse sujeito? – perguntou ao seu companheiro, um jovem pálido com um nariz elevado.

O jovem pálido refletiu conscientemente por alguns minutos, e então disse:

– Acho que bateu na cabeça quando era criança.

– Não, não acho que é isso – respondeu o honorável James Barker. – Às vezes imaginava que ele era uma espécie de artista, Lambert.

– Bobagem! – gritou o Sr. Lambert, brevemente.

– Admito que não sei que julgamento fazer dele – retomou Barker, distraído. – Ele nunca abre a boca sem dizer algo tão indescritivelmente imbecil que chamá-lo de bobo parece a mais fraca tentativa de caracterização. Mas há outra coisa que é um pouco engraçada. Sabe que ele tem a maior coleção de laca japonesa da Europa? Já viu os seus livros? Todos os poetas gregos, medievais franceses e esse tipo de coisa. Já estive em

seus quartos? É como estar dentro de uma ametista. E ele move tudo e fala como... como um nabo.

– Bem, dane-se todos os livros. Os seus almanaques também – disse o ingênuo Sr. Lambert, com uma simplicidade amigável. – Você deve entender dessas coisas. O que você acha dele?

– Está acima da minha capacidade – retornou Barker. – Mas como você perguntou a minha opinião, digo que ele é um homem com gosto pelo absurdo, nonsense, como eles chamam, brincadeiras artísticas, e todo esse tipo de coisa. Acredito seriamente que já falou tantas bobagens que confundiu a própria mente e não sabe a diferença entre a sanidade e a insanidade. Foi dar uma volta no mundo mental, por assim dizer, e encontrou o lugar onde o Oriente e o Ocidente são um, e onde extrema idiotice é tão boa quanto a razão. Mas não posso explicar esses mecanismos psicológicos.

– Você não pode explicá-los para mim – respondeu o Sr. Wilfrid Lambert, com candura.

Enquanto passavam as longas ruas para seu restaurante, o crepúsculo de cor de cobre mudou lentamente para um amarelo pálido, e pelo tempo que chegaram estava discernível uma tolerável luz invernal. O honorável James Barker, um dos funcionários mais poderosos do Governo Inglês (por esta altura rigorosamente um funcionário), era um homem jovem magro e elegante, com um rosto branco bonito e tristes olhos azuis. Ele tinha uma grande quantidade de capacidade intelectual, do tipo

peculiar que leva um homem de trono a trono até deixá-lo morrer carregado de honras sem ter nunca entretido ou iluminado a mente de ninguém. Wilfrid Lambert, o jovem com o nariz que parecia empobrecer o resto do rosto, também pouco contribuía para o alargamento do espírito humano, mas ele tinha a honrosa desculpa de ser um tolo.

Lambert poderia ser chamado de tolo; Barker, com toda sua esperteza, poderia ser chamado de estúpido. Mas mera burrice e estupidez afundavam na insignificância, na presença dos terríveis e misteriosos tesouros da loucura aparentemente armazenados na pequena figura que estava esperando por eles fora da Cicconani. O pequeno homem, cujo nome era Auberon Quin, tinha uma aparência composta de um bebê e uma coruja. Sua cabeça redonda, olhos redondos, parecia ter sido desenhado pela natureza brincando com um par de compassos. Seu escuro cabelo liso e a absurdamente longa sobrecasaca davam-lhe algo do olhar de um Noé criança. Quando ele entrava na sala de desconhecidos, confundiam-no com um menino pequeno, e queriam colocá-lo de joelhos, até que ele falasse, quando percebiam que um menino seria mais inteligente.

– Tenho esperado muito tempo – disse Quin, suavemente. – É muito engraçado finalmente vê-los subindo a rua.

Lambert olhou fixamente e perguntou:

– Por quê? Você nos disse para vir aqui mesmo.

– Minha mãe costumava dizer às pessoas para vir a lugares – disse o sábio.

Eles estavam prestes a entrar no restaurante com um ar resignado, quando seus olhos foram apanhados por algo na rua. O tempo, embora branco e frio, estava agora bastante claro, e no marrom maçante do pavimento de madeira e entre os terraços de cinza fosco estava se movendo algo que não podia ser visto nos arredores por milhas – que não podia ser visto, talvez, em toda Inglaterra – um homem vestido em cores brilhantes. Uma pequena multidão aglomerou-se ao redor.

Era um homem alto e imponente, vestido com um uniforme militar verde brilhante, salpicado com grandes revestimentos de prata. A partir do ombro balançava um manto verde de pelo curto, um pouco como a de um hussardo, o revestimento brilhava constantemente numa espécie de carmesim fulvo. Seu peito brilhava com medalhas; em volta do pescoço estava a fita vermelha e a estrela de alguma ordem estrangeira, e uma espada longa e reta, com uma empunhadura flamejante, que era arrastada e ecoava ao longo do pavimento. Nesta época, o pacífico e utilitário desenvolvimento da Europa tinha relegado todos os trajes como este para os museus. A única força restante, a pequena mas bem organizada polícia, se vestia de forma sombria e higiênica. Mas mesmo aqueles que se lembravam dos últimos guardas e lanceiros que desapareceram em 1912 devem ter reconhecido num relance que este não era, e nunca tinha sido, um uniforme inglês. E esta convicção teria sido aumentada pelo rosto aquilino amarelo, como de um Dante esculpido em bronze, que surgia, coroada de cabelos brancos, do colarinho

verde militar. Era um rosto vivo e distinto, mas não um rosto inglês.

A grandiosidade com que o cavaleiro vestido de verde caminhou até o centro da estrada é difícil de expressar na linguagem humana. Pois, foi com uma simplicidade e arrogância enraizada, algo no mero mover da cabeça e do corpo, que fez os modernos comuns na rua olhar atrás dele, mas isto teve relativamente pouco a ver com gestos ou expressões realmente conscientes. Em matéria desses movimentos apenas temporários, o homem parecia estar bastante preocupado e curioso, mas estava curioso com a curiosidade de um déspota, e preocupado como que com as responsabilidades de um deus. Os homens que descansavam e perguntavam-se dele o seguiam com espanto pelo seu uniforme brilhante, em parte por causa desse instinto que nos faz seguir qualquer um que parece um louco, mas muito mais por causa desse instinto que faz todo homem seguir (e idolatrar) qualquer um que escolhe comportar-se como um rei. Ele tinha de tão sublime forma a grande qualidade da realeza, a inconsciência quase imbecil dos outros, que as pessoas iam atrás dele pela mesma razão que seguem os reis, para ver o que seria a primeira coisa ou pessoa que ele iria notar. E o tempo todo, como já dissemos, apesar do seu esplendor silencioso, havia sobre ele um ar como se estivesse procurando alguém, uma expressão de inquietude.

De repente, aquela expressão de inquietude desapareceu, ninguém podia dizer o porquê, e foi substituída por uma

expressão de contentamento. Em meio a atenção da multidão de desocupados, o magnífico cavalheiro verde desviou-se do seu curso direto para o centro da estrada e caminhou para o lado desta. Ele chegou a uma parada em frente a um grande cartaz de mostarda Colman erguido sobre um tapume de madeira. Seus espectadores quase prenderam a respiração.

Ele tirou um pequeno canivete de uma pequena bolsa em seu uniforme, com que fez um corte no papel. Completando o resto da operação com os dedos, fez uma tira de cor amarela e de contorno totalmente irregular. Então, pela primeira vez, o grande ser dirigiu-se a seus espectadores-adoradores:

– Alguém pode – disse ele, com um agradável sotaque estrangeiro – emprestar-me um alfinete?

Lambert, que era o mais próximo, e que carregava inúmeros alfinetes com a finalidade de prender inumeráveis lapelas, emprestou-lhe um, que foi recebido com reverências extravagantes mas dignas e hipérbolas de agradecimento.

O cavalheiro em verde, então, com toda a aparência de estar gratificado, e até mesmo orgulhoso, fixou o pedaço de papel amarelo ao adorno de seda verde e prata no seu peito. Então ele voltou seus olhos novamente, procurando insatisfeito.

– Algo mais que eu possa fazer, senhor? – perguntou Lambert, com a polidez absurda do inglês quando envergonhado.

– Vermelho – disse o estranho, vagamente – , vermelho.

– Desculpe?

– Peço-lhe desculpas, Señor – disse o estranho fazendo uma

reverência. – Estava imaginando se algum de vocês dispõem de algo vermelho com vocês.

– Algo vermelho conosco? Bem, realmente... Não, não acredito que tenha... Já usei uma bandana vermelha, mas...

– Barker – perguntou Auberon Quin, subitamente – , onde está sua cacatua vermelha? Onde está a sua cacatua vermelha?

– O que você quer dizer? – perguntou Barker, desesperadamente. – Que cacatua? Você nunca me viu com qualquer cacatua!

– Eu sei – disse Auberon, vagamente tranquilizado. – Onde ela esteve esse tempo todo?

Barker virou-se, não sem ressentimento.

– Lamento, senhor – disse ele, breve, mas civilmente – , nenhum de nós parece ter nada vermelho para emprestar-lhe. Mas para que, se posso perguntar.

– Agradeço-lhe, Señor, não é nada. Posso, já que não há outra opção, suprir minhas próprias necessidades.

E de pé, após um segundo de pensamento com o canivete na mão, ele esfaqueou a palma da mão esquerda. O sangue descia com um fluxo tão cheio que atingiu as pedras sem gotejar. O estrangeiro tirou o lenço e arrancou um pedaço dele com os dentes. O pano foi imediatamente embebido em escarlata.

– Uma vez que é tão generoso, Señor, outro alfinete, talvez.

Lambert retirou outro, com os olhos salientes como de um sapo.

A roupa vermelha foi fixada ao lado do papel amarelo, e o

estrangeiro tirou o chapéu.

– Tenho que agradecer a todos vocês, senhores – disse, e envolvendo o restante do lenço na mão sangrando, retomou a sua caminhada com uma imponência esmagadora.

Enquanto o restante parou, um tanto atônitos, o pequeno Sr. Auberon Quin correu atrás do estranho e o interpelou, com o chapéu na mão. Consideravelmente para o espanto de todos, dirigiu-se a ele no mais puro espanhol:

– Señor – disse na língua espanhola – , perdoe a hospitalidade, talvez indiscreta, para aquele que parece ser um distinto, mas solitário hospede em Londres. Honraria a mim e a meus amigos, com quem acabou de conversar, acompanhando-nos em um almoço no restaurante ao lado?

O homem com o uniforme verde demonstrou grande prazer no mero som de sua própria língua, e aceitou o convite com uma profusão de reverências que mostra, no caso das pessoas do Sul, a falsidade da noção que cerimônia não tem nada a haver com sentimento.

– Señor, a sua linguagem é a minha, mas todo o meu amor para o meu povo não pode levar-me a negar a sua a posse para um anfitrião tão cavalheiresco. Deixe-me dizer que a língua é o espanhol mas o coração é inglês – e foi com o restante para o Cicconani.

– Agora, talvez – disse Barker, após os peixes e o xerez, intensamente polido, no entanto ardendo de curiosidade – , talvez seja rude perguntar por que fez aquilo?

– Fez o quê, Señor? – perguntou o convidado, que falou em um inglês muito bem, embora de uma forma indefinivelmente americana.

– Bem – disse o inglês, com alguma confusão – , quero dizer rasgou uma tira fora e ... er ... cortou a si mesmo ... e ...

– Explicar isso, Señor – respondeu o outro, com um certo orgulho triste – , envolve meramente dizer quem eu sou. Eu sou Juan del Fuego, o presidente da Nicarágua.

A forma com que o presidente da Nicarágua inclinou-se para trás e bebeu xerez mostrou que para ele essa explicação cobria todos os fatos observados e muito mais. No entanto, a testa de Barker ainda estava um pouco cerrada.

– E o papel amarelo – começou, com ansiosa simpatia – e o pano vermelho ...

– O papel amarelo e o pano vermelho – disse Fuego, com grandeza indescritível – são as cores da Nicarágua.

– Mas a Nicarágua... – começou Barker, com grande hesitação – A Nicarágua não é mais um...

– A Nicarágua foi conquistada como Atenas. A Nicarágua foi anexada como Jerusalém – exclamou o velho, com um fogo incrível. – O Yankee, o alemão e os poderes brutos da modernidade pisaram nela com cascos de boi. Mas a Nicarágua não está morta. A Nicarágua é uma ideia.

Auberon Quin sugeriu timidamente:

– Uma ideia brilhante.

– Sim – disse o estrangeiro, pegando a palavra. – Você está

certo, generoso inglês. Uma ideia brilhante, um pensamento que queima. Señor, perguntou-me por que, no meu desejo de ver as cores do meu país, arranquei papel e sangue. Não consegue entender a santidade antiga das cores? A Igreja tem as suas cores simbólicas. E pensar o que essas cores significam para nós.. Pense da posição de alguém como eu, que não pode ver nada mas essas duas cores, nada mas o vermelho e o amarelo. Para mim todas as formas são iguais, todas as coisas comuns e nobres estão em uma democracia de combinação. Onde quer que haja um campo de calêndulas e o manto vermelho de uma velha, ali está a Nicarágua. Onde quer que haja um campo de papoulas e uma mancha amarela de areia, ali está a Nicarágua. Onde quer que haja um limão e pôr do sol vermelho, ali está o meu país. Sempre que vejo uma caixa de correio vermelha e um pôr do sol amarelo, há batidas do meu coração. Sangue e um pouco de mostarda podem ser minha heráldica. Se há lama amarela e lama vermelha na mesma vala, é melhor para mim do que estrelas brancas.

– E se – afirmou Quin, com igual entusiasmo – há vinho amarelo e vinho tinto no mesmo almoço, você não pode se limitar ao xerez. Deixe-me pedir algum borgonha, e completar, por assim dizer, uma espécie de heráldica da Nicarágua no seu interior.

Barker estava brincando com sua faca, e estava, evidentemente, decidindo se iria dizer algo, com o intenso nervosismo de um inglês que quer ser amável.

– Devo entender, então – disse enfim, com uma tosse – que você, ahem, era o presidente da Nicarágua quando fez sua – er-deve-se, é claro, concordar, heroica resistência a – er..

O ex-presidente da Nicarágua acenou com a mão.

– Não precisa hesitar ao falar comigo. Estou completamente ciente de que a tendência geral do mundo de hoje está contra mim e contra a Nicarágua. Não consideraria nenhuma descortesia se disser o que pensa dos infortúnios que puseram minha república em ruínas.

Barker pareceu imensamente aliviado e satisfeito.

– É generoso, presidente – disse, com alguma hesitação sobre o título – , e vou aproveitar a sua generosidade para expressar as dúvidas que, devo confessar, nós, modernos, possuímos sobre – er- a independência da Nicarágua.

– Assim, suas simpatias estão – disse Del Fuego, calmamente – com a grande nação que...

– Perdoe-me, perdoe-me, presidente – disse Barker, calorosamente – , minhas simpatias não estão com nação nenhuma. Acho que entende mal o intelecto moderno. Não desaprovamos o fogo e extravagância de repúblicas como a sua para que se tornem mais extravagantes em uma escala maior. Não condenamos a Nicarágua porque pensamos que a Grã-Bretanha deveria ser mais nicaraguense. Não desencorajamos nacionalidades pequenas porque queremos que as grandes nacionalidades tenham sua pequenez, a uniformidade de sua perspectiva, o exagero de seu espírito. Se diferimos com o

maior respeito do seu entusiasmo da Nicarágua, não é porque uma nação ou dez nações estão contra você, contra vós está a civilização. Nós, modernos, acreditamos em uma grande civilização cosmopolita, uma que deve incluir todos os talentos de todos os povos...

– O Señor vai me perdoar – disse o presidente. – Posso perguntar ao Señor como, em circunstâncias normais, pega um cavalo selvagem?

– Nunca pego um cavalo selvagem – respondeu Barker, com dignidade.

– Exatamente – disse o outro –, e aqui termina a sua absorção dos talentos. É disto que me queixo do seu cosmopolitismo. Quando diz que quer todos os povos unidos, realmente quer dizer que deseja que todos os povos unam-se para aprender os truques do seu povo. Se beduínos árabes não sabem ler, algum missionário ou professor inglês deve ser enviado para ensiná-los a ler, mas ninguém diz: “Este professor não sabe como montar em um camelo, vamos pagar um beduíno para ensiná-lo.” Você diz que sua civilização irá incluir todos os talentos. Vai? Realmente quer dizer que no momento em que um esquimó aprender a votar em um Conselho Municipal, você aprenderá a caçar uma morsa? Recorrendo ao meu exemplo: na Nicarágua tínhamos uma maneira de capturar cavalos selvagens lançando as patas dianteiras, que era supostamente a melhor na América do Sul. Se você vai incluir todos os talentos, faça-o. Se não, permita-me dizer o que sempre disse, que algo do mundo se perdeu quando

a Nicarágua foi civilizada.

– Alguma coisa, talvez – respondeu Barker – , mas algo que era uma mera destreza bárbara. Sei que não poderia lascas pedras como um homem primitivo, mas sei que a civilização pode fazer facas que são melhores, e confio na civilização.

– Está bem acompanhado – respondeu o ex-presidente da Nicarágua. – Muitos homens inteligentes confiaram na civilização. Muitos babilônios inteligentes, muitos egípcios inteligentes, muitos homens inteligentes no fim do Império Romano. Pode me dizer, num mundo onde é flagrante os fracassos das civilizações, o que torna a sua particularmente imortal?

– Acho que não entende muito bem, Presidente, o que é a nossa civilização – respondeu Barker. – Julga como se a Inglaterra ainda fosse uma ilha pobre e combativa; esteve fora da Europa faz muito tempo, muitas coisas aconteceram.

– E em que – perguntou o outro – se resume essas coisas?

– O resumo dessas coisas – respondeu Barker, com grande animação – é que nos livramos das superstições, e não somente das superstições que, com mais frequência e entusiasmo, são assim descritas. A superstição das grandes nacionalidades é ruim, mas a superstição das pequenas nacionalidades é pior. A superstição de reverenciar nosso próprio país é ruim, mas a superstição de reverenciar países de outras pessoas é pior. É assim em toda parte, e em uma centena de maneiras. A superstição da monarquia é ruim, a superstição da aristocracia é

ruim, mas a superstição da democracia é a pior de todas.

O velho abriu os olhos com alguma surpresa:

– Então, a Inglaterra não é mais uma democracia?

Barker riu.

– A situação convida o paradoxo. Somos, em certo sentido, a mais pura democracia. Nós nos tornamos um despotismo. Não percebeu como continuamente na história a democracia torna-se despotismo? As pessoas chamam isso de decadência da democracia. É simplesmente o seu cumprimento. Por que ter o problema de numerar, registrar e emancipar todos os inúmeros John Robinsons, quando você pode lidar com somente um John Robinson com o mesmo intelecto ou a falta de intelecto de todo o resto? Os antigos republicanos idealistas fundaram a democracia baseado na ideia de que todos os homens são igualmente inteligentes. Acredite em mim, a democracia sã e duradoura é fundada no fato de que todos os homens são igualmente idiotas. Por que não devemos escolher um dentre eles como qualquer outro. Tudo o que queremos para o governo é um homem que não seja criminoso ou insano, que pode rapidamente olhar sobre algumas petições e assinar algumas declarações. Pense no tempo que foi desperdiçado discutindo a Câmara dos Lordes, os conservadores dizendo que deveria ser preservada porque era boa, e os radicais dizendo que deveria ser destruída porque era estúpida. Mas ninguém viu porque era estúpida, pois essa turba de homens comuns jogados lá por acidente de sangue era um grande protesto democrático contra

a Câmara Baixa, contra a eterna insolência da aristocracia de talentos. Estabelecemos agora na Inglaterra, o que todos os sistemas têm tateado vagamente, o maçante despotismo popular sem ilusões. Queremos um homem à frente do nosso Estado, não porque ele é brilhante ou virtuoso, mas porque ele é um homem e não uma multidão vibrante. Para evitar a possibilidade de doenças hereditárias e coisas desse tipo, abandonamos a monarquia hereditária. O rei da Inglaterra é escolhido como um jurado em uma lista oficial de rotação. Além de que todo o sistema é tranquilamente despótico, e ninguém sequer levanta um murmúrio.

– Quer dizer – perguntou o Presidente, incrédulo – que vocês escolhem um homem comum que esteja a mão e fazem dele um déspota, que confiam nas chances de uma lista alfabética...

– E por que não? – gritou Barker. – Metade das nações históricas não confiaram nas chances dos filhos mais velhos de filhos mais velhos, e metade delas não obtiveram resultados razoáveis? Um sistema perfeito é impossível; mas ter um sistema é indispensável. Todas as monarquias hereditárias foram uma questão de sorte: assim são monarquias alfabéticas. Pode encontrar um profundo significado filosófico na diferença entre os Stuarts e os Hanoverians? Acredite em mim, me comprometo a encontrar um profundo significado filosófico no contraste entre a negra tragédia de A, e o sucesso contínuo de B.

– E vocês arriscam? Embora o homem pode ser um tirano, um cínico ou um criminoso.

– Corremos o risco – respondeu Barker, com perfeita placidez. – Suponha que ele é um tirano, ainda deve lidar com uma centena de tiranos. Suponha que ele é um cínico, é de seu interesse para governar bem. Suponha que ele é um criminoso, removendo pobreza e substituindo por poder, colocamos em cheque sua criminalidade. Em suma, através do despotismo substitutivo impusemos controle total num criminoso e controle parcial sobre todo o resto.

O velho cavalheiro da Nicarágua inclinou-se com uma expressão estranha nos olhos.

– Minha igreja, senhor, me ensinou a respeitar a fé. Não quero desrespeitar qualquer um de vocês, mas realmente quer dizer que confia num homem comum, o homem que pode estar ao seu lado, como um bom déspota?

– Confio – disse Barker, simplesmente. – Ele pode não ser um bom homem. Mas ele será um bom déspota. Pois, quando se trata de um simples negócio rotineiro de governo, ele vai se esforçar para fazer justiça ordinária. Não assumimos a mesma coisa em um júri?

O velho Presidente sorriu.

– Não sei se tenho qualquer objeção particular em detalhes para o seu excelente esquema de governo. Minha única objeção é bastante pessoal. É que se me perguntassem se gostaria de participar disto, perguntaria em primeiro lugar, se não seria permitido, como alternativa, ser um sapo em uma vala. Isso é tudo. Não se pode argumentar com a escolha da alma.

– Da alma – disse Barker, franzindo o sobrolho – não posso falar nada, mas atendendo-se ao interesse público..

De repente, o sr. Auberon Quin levantou-se.

– Se me dão licença, senhores, sairei por um momento para tomar ar.

– Sinto muito, Auberon – disse Lambert, gentilmente. – Sente-se mal?

– Não mal exatamente – disse Auberon, contido – , bem, na verdade. Estranha e ricamente bem. O fato é que quero refletir um pouco sobre essas belas palavras que acabam de ser proferidas. “Atendendo-se” ... sim, era essa a frase, “atendendo-se ao interesse público.” Não se pode tirar o mel de tais coisas sem ficar um pouco só.

– Será que ele está realmente fora de si? – perguntou Lambert.

O velho Presidente cuidava dele com olhos estranhamente vigilantes.

– Acredito que é um homem que não deseja nada, exceto uma piada. É um homem perigoso.

Lambert riu no ato de levantar macarrão à boca.

– Perigoso! Não conhece Quin, senhor!

– Todo homem perigoso – disse o velho sem mover-se – é o que só se preocupa com uma coisa. Eu mesmo já fui perigoso.

E com um sorriso agradável, terminou o café e levantou-se, inclinando-se profundamente, e entrou na neblina, que havia crescido novamente densa e sombria. Três dias depois souberam que havia morrido calmamente num alojamentos no Soho.

Em outro lugar, em meio ao mar escuro da névoa estava uma pequena figura abalada e com tremores, com o que poderia ser à primeira vista terror ou malária: mas que na verdade sofria de uma estranha doença, o riso solitário. Ele estava repetindo novamente para si mesmo com um rico sotaque – Mas, atendendo-se ao interesse público...

# A Colina de Humor

– Em um pequeno jardim quadrado de rosas amarelas, ao lado do mar – disse Auberon Quin – houve um ministro dissidente que nunca tinha ido a Wimbledon. Sua família não entendia a tristeza ou o olhar estranho em seus olhos. Mas um dia eles se arrependeram de sua negligência, pois ouviram que um corpo havia sido encontrado na costa, fustigado, mas usando botas de couro patente. Aconteceu dele não ser o tal ministro. Mas no bolso do homem morto havia um bilhete de volta para Maidstone.

Houve uma breve pausa enquanto Quin e seus amigos, Barker e Lambert, foram andando no meio da relva lamacenta dos jardins de Kensington. Então, Auberon retomou:

– Essa história – disse respeitosamente – é o teste de humor.

Eles caminharam cada vez mais rápido, atravessaram a grama alta quando começaram a subir uma ladeira.

– Percebo – continuou Auberon – que passaram no teste, e consideram a anedota dolorosamente engraçada, já que não dizem nada. Só o humor grosseiro é recebido com aplausos de taverna. A grande anedota é recebida em silêncio, como uma bênção. Sentiu-se muito abençoado, não é, Barker?

– Entendi – disse Barker, um tanto arrogantemente.

– Sabe – disse Quin, com uma espécie de alegria idiota – tenho muitas histórias tão boas quanto esta. Ouça isso.

E limpou um pouco a garganta:

– O dr. Policarpo era, como todos sabem, um bimetalista invulgarmente pálido. Pessoas de larga experiência diziam: “Lá vai o mais pálido bimetalista de Cheshire”. Uma vez isso foi dito de forma que ele ouviu: foi dito por atuário, sob um por do sol lilás e cinza. Policarpo se voltou para ele. “Pálido!”, gritou ferozmente, “Pálido! Quis tulerit Gracchos de seditione querentes”. Foi dito que nenhum atuário jamais se meteu com o dr. Policarpo novamente.

Barker concordou com uma sagacidade simples. Lambert só grunhiu.

– Aqui está outra – continuou Quin, insaciável. – Em um oco das colinas verde cinzentas da chuvosa Irlanda, viveu uma mulher muito velha, cujo tio sempre torcia para Cambridge na regata. Mas em seu oco verde cinzento, ela não sabia nada disto: não sabia que houve uma regata. Também não sabia que tinha um tio. Ela não sabia de nada, exceto de George I, de quem tinha ouvido falar (não sei porquê), e nessa memória histórica, ela confiava. Até que Deus quis que chegasse o dia quando descobriu-se que esse tio dela não era realmente seu tio, e vieram-lhe dizer isso. Ela sorriu em meio às lágrimas, e disse apenas: “A virtude é sua própria recompensa.”

Novamente houve um silêncio, e então Lambert disse:

– Parece um pouco misterioso.

– Misterioso! – exclamou o outro. – O verdadeiro humor é misterioso. Não percebe o principal incidente dos séculos XIX

e XX?

– E qual é? – perguntou Lambert, breve.

– É muito simples – respondeu o outro. – Até então era a ruína de uma piada que as pessoas não a entendessem. Agora é a vitória sublime de uma piada que as pessoas não a entendam. Humor, meus amigos, é a santidade que restou para a humanidade. É a única coisa que causa medo. Olhe para a árvore.

Seus interlocutores olharam vagamente para uma faixa que se inclinava em direção a eles a partir do cume da colina.

– Se – disse o Sr. Quin – eu dissesse que não viram as grandes verdades da ciência exibidas por aquela árvore, embora estejam escancaradas para um homem de intelecto, o que pensariam ou diriam? Simplesmente me considerariam como um pedante com uma teoria irrelevante sobre algumas células vegetais. Se dissesse que não veem naquela árvore a vil má gestão da política local, iriam me repudiar como um socialista maluco com alguma mania particular sobre parques públicos. Se dissesse que vocês são culpados da blasfêmia suprema de olhar para a árvore e não ver nela uma nova religião, uma revelação especial de Deus, poderiam simplesmente dizer que sou um místico, e não pensar mais em mim. Mas – e levantando uma mão pontifical – se digo que não podem ver o humor daquela árvore, e que eu vejo o humor dela, meu Deus! Poriam-se sob os meus pés.

Parou um momento, e depois retomou.

– Sim; um senso de humor, um estranho e delicado senso de humor, é a nova religião da humanidade! É para onde os homens

vão se dirigir com o ascetismo dos santos. Farão exercícios, exercícios espirituais. Perguntarão: “Consegue ver o humor desta grade de ferro?” ou “Pode ver o humor deste campo de milho? Pode ver o humor das estrelas? Pode ver o humor dos pores do sol?” Quantas vezes ri sozinho até dormir por causa de um por do sol violeta.

– Isso mesmo – disse Barker, com um inteligente embaraço.

– Deixe-me contar uma outra história. Quantas vezes acontece que os deputados de Essex são menos pontuais do que se poderia supor. O deputado menos pontual de Essex foi, talvez, James Wilson, que disse, no instante de arrancar uma papoula...

De repente, Lambert se voltou e bateu sua bengala no chão numa atitude desafiadora.

– Auberon, pare. Não suporto isso. É tudo tolice.

Os dois homens olharam para ele, pois havia algo muito explosivo nas palavras, como se estivessem entaladas penosamente por um longo tempo.

– Você – começou Quin – não tem..

– Não me importo com uma maldição – disse Lambert, violentamente – se tenho “um senso de humor delicado” ou não. Não vou suportar isso. É tudo uma fraude para confundir-nos. Não há nenhuma piada naqueles contos infernais. Você sabe disso tão bem quanto eu.

– Bem – respondeu Quin, lentamente – , é verdade que eu, com meu processo mental gradual, não vi nenhuma piada neles. Mas, Barker, com seu sentido mais sutil, achou engraçado.

Baker ficou bem vermelho, mas continuou a olhar para o horizonte.

– Seu idiota – disse Lambert – por que você não pode ser como as outras pessoas? Por que não pode dizer algo realmente engraçado, ou segurar a sua língua? O homem que se senta em um chapéu em pantomina é uma visão muito mais engraçada do que você.

Quin o considerou firmemente. Eles haviam chegado ao topo da serra e o vento atingiu seus rostos.

– Lambert – disse Auberon – , você é um grande e bom homem, embora que eu seja enforcado se você aparenta isso. Mais ainda. É um grande revolucionário ou um salvador do mundo, e estou ansioso para vê-lo esculpido em mármore entre Lutero e Danton, se possível na sua atitude atual, o chapéu ligeiramente para o lado. Eu disse enquanto subia o morro que o novo humor era a última das religiões. Você fez do humor a última das superstições. Mas deixe-me dar-lhe um aviso muito sério. Tenha cuidado ao me pedir para fazer algo outré, como imitar o homem da pantomima, e me sentar no meu chapéu. Porque eu sou um homem cuja alma foi esvaziada de todos os prazeres, exceto a loucura. E por dois pence faria isso.

– Então faça – disse Lambert, balançando com impaciência sua bengala. – Seria mais engraçado do que a bobagem que conta.

Quin, de pé no alto do morro, estendeu a mão em direção à avenida principal do Jardim de Kensington.

– A duzentos metros de distância, estão todos os seus

conhecidos elegantes com nada para fazer na terra exceto olhar para si mesmos e para nós. Estamos de pé sobre uma elevação sob o céu aberto, como se fosse um pico de fantasia, um Sinai de humor. Estamos num grande púlpito ou plataforma, iluminado com a luz solar, e metade de Londres pode nos ver. Tenha cuidado com o que sugerir para mim. Porque há em mim uma loucura que vai além do martírio, a loucura de um homem completamente ocioso.

– Não sei do que você está falando – disse Lambert, com desprezo. – Só sei que prefiro você preso na sua cabeça tola, do que falando tanto.

– Auberon! Pelo amor de Deus... – gritou Barker, saltando para a frente, mas foi muito tarde. Faces de todos os bancos e avenidas se viraram em sua direção. Grupos pararam e pequenas multidões se reuniram, e a luz do forte sol pegou a cena toda em azul, verde e preto, como uma imagem em uma livro infantil. E no topo da colina o pequeno Sr. Auberon Quin estava, com destreza atlética considerável, de ponta cabeça, e acenando com suas botas de couro no ar.

– Pelo amor de Deus, Quin, levante-se e não seja um idiota – gritou Barker, torcendo as mãos – teremos a cidade inteira aqui.

– Sim, levante, levante-se, homem – disse Lambert, divertido e irritado. – Eu só estava brincando, levante-se.

Auberon o fez com um salto, e atirando seu chapéu acima das árvores, começou a pular em uma perna com uma expressão séria. Barker passou a bater o pé no solo descontroladamente.

– Oh, vamos para casa, Barker, e deixá-lo – disse Lambert – , alguns policiais adequados e corretos vão cuidar dele. Aí vêm eles!

Dois homens de aparência séria com uniformes discretos vieram até o morro na direção deles. Um deles trazia um papel na mão.

– Lá está ele, oficial – disse Lambert, alegremente. – Não somos responsáveis por ele.

O oficial virou-se para o travesso sr. Quin com um olhar silencioso.

– Meus senhores, não viemos aqui por causa do que acredito estão aludindo. Nós viemos do quartel-general anunciar a seleção de Sua Majestade, o Rei. É a regra, herdada do antigo regime, que a notícia deve ser trazida para o novo soberano imediatamente, onde quer que esteja; então o seguimos até o jardim de Kensington.

Os olhos de Barker estavam em chamas no seu rosto pálido. Ele era consumido com a ambição por toda sua vida. Com a magnanimidade embrutecida do intelecto, realmente acreditava no método de seleção de déspotas pelo acaso. Mas esta sugestão súbita, que a seleção poderia ter caído em cima dele, o enervou com prazer.

– Qual de nós – começou, mas o respeitoso funcionário o interrompeu.

– Não o senhor, sinto informar. Se me é permitido dizê-lo, sabemos de seus serviços para o governo, e seríamos gratos se

fosse. A escolha recaiu ...

– Deus abençoe a minha alma! – disse Lambert, saltando dois passos para trás. – Não eu. Não diga que eu sou o autocrata de todas as Rússias.

– Não, senhor – disse o oficial, com uma leve tosse e um olhar para Auberon, que estava, naquele momento, colocando a cabeça entre as pernas e fazendo um barulho como uma vaca. – No momento, o cavalheiro a quem temos que parabenizar parece estar – er-er- ocupado.

– Quin? Não! – gritou Barker, correndo até ele – não pode ser. Auberon, pelo amor de Deus, componha-se. Você foi escolhido Rei!

Com a cabeça ainda de cabeça para baixo entre as pernas, o sr. Quin respondeu modestamente:

– Não sou digno. Não posso razoavelmente pretender me igualar aos grandes homens que já empunharam o cetro da Grã-Bretanha. Talvez a única peculiaridade que posso afirmar é que sou provavelmente o primeiro monarca que expressou sua alma ao povo de Inglaterra com a cabeça e corpo na presente posição. Isto pode dar-me, para citar um poema que escrevi na minha juventude: Um ofício mais nobre na terra

Do que por valor, poder cerebral, ou nascimento

Poderiam dar aos reis guerreiros antigos. Assim, com o intelecto esclarecido por essa postura...

Lambert e Barker foram encima dele.

– Não entende? – gritou Lambert. – Não é uma piada.

Eles realmente te escolheram rei. Por Deus! Devem ter gostos extravagantes.

– Os grandes bispos da Idade Média – disse Quin, chutando as pernas no ar, enquanto era arrastado mais ou menos de cabeça para baixo – tinham o hábito de recusar a honra da eleição três vezes e depois aceitá-la. Uma mera questão de detalhes me separa desses grandes homens. Aceitarei o cargo três vezes e recusá-lo depois. Oh! vou trabalhar duro para vocês, meus fiéis! Terão um banquete de humor.

Por então, já havia sido aterrizado de cabeça para cima, e os dois homens ainda estavam tentando em vão impressioná-lo com a gravidade da situação.

– Não me disse, Wilfrid Lambert, que eu teria mais valor público se adotasse uma forma mais popular de humor? E quando uma forma popular de humor deveria ser mais firmemente pregada senão agora, quando me tornei o queridinho de todo um povo? Oficial, – continuou ele, dirigindo-se para o mensageiro assustado – não existem cerimônias para comemorar a minha entrada na cidade?

– Cerimônias – começou o oficial, com constrangimento – foram mais ou menos esquecidas por algum tempo, e...

Auberon Quin começou a gradualmente tirar o casaco.

– Toda cerimônia – disse ele – consiste na inversão do óbvio. Assim, os homens, quando desejam ser padres ou juízes, vestem-se como mulheres. Por favor, me ajude com este casaco – e o segurou.

– Mas, Majestade – disse o oficial, depois de um momento de confusão e manipulação – está colocando-o com as caudas na frente.

– A inversão do óbvio – disse o rei, com calma – é o mais próximo a que podemos chegar de um ritual com nosso imperfeito aparato. Pode continuar.

O resto da tarde e noite foi para Barker e Lambert um pesadelo, que não poderiam apropriadamente compreender ou recordar. O rei, com seu casaco invertido, foi para as ruas que estavam à espera dele, e para o antigo palácio de Kensington, que era a residência real. Enquanto passava pequenos grupos de homens, os grupos se transformou em multidões, e emitiam sons que pareciam estranhos para acolher um autocrata. Barker andou atrás, seu cérebro cambaleando, e, enquanto a multidão crescia mais espessa, os sons se tornaram ainda mais incomuns. E quando alcançou o grande mercado local em frente à igreja, Barker sabia que tinha chegado, embora estivesse bem atrás, porque subiu uma gritaria como nunca antes havia recebido nenhum dos reis da terra.

# Livro II

## A Carta das Cidades

Lambert estava de pé no lado de fora da porta dos aposentos do rei, atônico em meio a aquela agitação de espanto e ridículo. Estava de passagem para a rua, atordoado, quando James Barker cruzou com ele.

– Onde vai? – perguntou ele.

– Parar com toda essa tolice, é claro – respondeu Barker, e desapareceu dentro do quarto.

Entrou de cabeça, batendo a porta, e colocando seu incomparável chapéu de seda sobre a mesa. Sua boca se abriu, mas antes que pudesse falar, o rei disse:

– Seu chapéu, por favor.

Revolvendo os dedos, e mal sabendo o que estava fazendo, o jovem político o entregou.

O rei colocou-o em sua própria cadeira, e sentou-se nele.

– Um curioso costume antigo – explicou ele, sorrindo acima das ruínas. – Quando o Rei recebe os representantes da casa de Barker, o chapéu do último é imediatamente destruído dessa maneira. Representa a finalidade absoluta do ato de homenagem expressa na remoção do mesmo. Ele declara que nunca, até que o chapéu surja mais uma vez em sua cabeça (uma contingência

que acredito firmemente ser remota), poderá a casa de Barker rebelar-se contra a coroa da Inglaterra.

Barker estava com o punho cerrado, e os lábios agitados.

– Suas piadas – começou ele – e minha propriedade.. – e, em seguida, explodiu com um palavrão, e parou de novo.

– Continue, continue – disse o Rei, acenando com as mãos.

– O que significa tudo isso? – exclamou o outro, com um gesto de racionalidade passional. – Está louco?

– Nem um pouco – respondeu o rei, agradavelmente. – Os loucos são sempre graves, enlouquecem por falta de humor. Está ficando muito sério, James.

– Por que não pode manter isso na sua vida privada? – queixou-se o outro. – Agora, tem muito dinheiro, e abundância de casas para bancar o tolo, mas no interesse público...

– Epigramático – disse o rei, apontando o dedo, infelizmente para ele. – Nenhuma de suas ousadas cintilações aqui. Quanto ao porquê de não fazer isso em particular, não consigo entender a sua pergunta. A resposta é de comparativa limpidez. Não o faço em particular, porque é mais engraçado fazê-lo em público. Parece pensar que seria divertido ser dignificado no salão de banquetes e na rua, e na minha própria lareira (eu poderia adquirir uma lareira) manter todos rindo. Mas isso é o que todos fazem. Todo mundo é sério em público, e engraçado em privado. Meu senso de humor sugere a inversão desta; sugere que se deve ser engraçado em público e solene em particular. Desejo fazer

das funções de Estado, os parlamentos, coroações, e assim por diante, uma antiquada pantomina para o riso. Por outro lado, eu me tranquei sozinho em uma pequena despensa por duas horas por dia, onde sou tão digno que me sinto mal.

Por esta altura, Barker andava para cima e para baixo da sala, sua sobrecasaca batendo como as asas de um pássaro preto.

– Bem, você vai arruinar o país – disse secamente.

– Parece-me – disse Auberon – que a tradição de dez séculos está sendo quebrada, e a casa dos Barker está se rebelando contra a Coroa da Inglaterra. Seria com pesar (porque admiro a sua aparência) que seria obrigado a decorar a sua cabeça com os restos deste chapéu, mas...

– O que eu não consigo entender – disse Barker levando os dedos com um movimento frenético bem americano – é porque não se importa com nada exceto seus jogos.

O rei parou bruscamente o ato de levantar os restos de seda, deixou-os cair, e caminhou até Barker, olhando-o firmemente.

– Fiz uma espécie de voto de que não iria falar sério, o que sempre significa responder perguntas tolas. Mas o homem forte será sempre gentil com os políticos. “A forma de meus olhares desdenhosos a ridicularizar,

Foi preciso um Deus para moldar” se assim posso exprimir-me teologicamente. E por alguma razão que não posso compreender minimamente, sinto-me impelido a responder a essa pergunta de vocês, e para respondê-la como se realmente houvesse tal coisa no mundo como um assunto sério. Pergunta-

me por que não ligo para nada mais. Pode dizer-me, em nome de todos os deuses que você não acredita, por que deveria me importar com outra coisa?

– Não percebe as necessidades públicas comuns? – gritou Barker. – Como é possível que um homem da sua inteligência não percebe que é do interesse de todos...

– Você não acredita em Zoroastro? É possível que negligencie Mumbo-Jumbo? – devolveu o Rei, com animação surpreendente. – Um homem de sua inteligência me vêm com esses malditos princípios de ética vitoriana? Se, ao estudar as minhas características e maneiras, você detectar qualquer semelhança especial com o príncipe consorte, lhe asseguro que está enganado. Será que Herbert Spencer o convenceu, ele nunca convence ninguém, ele nunca por um momento louco convenceu a si mesmo, que é do interesse do indivíduo se sentir um espírito público? Acredita que, se você governa seu departamento mal, terá alguma chance, ou a metade da chance, de ser guilhotinado, que um pescador sendo puxado de dentro do rio por um pique forte? Herbert Spencer absteve-se de roubo, pela mesma razão que ele se absteve de usar penas em seus cabelos, porque era um cavalheiro inglês com gostos diferenciados. Eu sou um cavalheiro inglês, com gostos diferenciados. Ele gostava de filosofia. Eu gosto de arte. Ele gostaria de escrever dez livros sobre a natureza da sociedade humana. Eu gostaria de ver o Lorde Chamberlain andando na minha frente com um pedaço de papel preso ao rabo do paletó. É o meu humor. Entendeu minha resposta?

De qualquer forma, disse a minha última palavra séria hoje, e minha última palavra séria confio para o resto da minha vida a este paraíso dos tolos. No restante da minha conversa com vocês hoje, que espero ser longa e estimulante, proponho conduzir em uma nova linguagem de minha criação baseado em movimentos rápidos e simbólicos da perna esquerda – e ele começou a piruetar lentamente em volta da sala com uma expressão preocupada.

Barker percorreu a sala, depois dele, bombardeando-o com as exigências e súplicas. Mas não recebeu nenhuma resposta, exceto no novo idioma. Ele saiu batendo a porta novamente, e doente como um homem vindo em terra. Como ele caminhou pelas ruas se viu de repente em frente ao restaurante Cicconani, e por algum motivo levantou-se diante dele a fantástica figura verde do general espanhol, de pé, como tinha visto ele pela última vez, na porta, com as palavras em sua lábios: “Não se pode argumentar com a escolha da alma.”

O rei saiu de sua dança com o ar de um homem de negócios legitimamente cansado. Ele vestiu um casaco, acendeu um charuto, e saiu para a noite purpura.

– Irei me misturar com o povo.

Passou rapidamente por uma rua no bairro de Notting Hill, quando de repente sentiu um objeto duro batendo em seu colete. Parou, colocou o seu monóculo, e viu um rapaz com uma espada de madeira e um chapéu de papel armado, usando aquela expressão de temor satisfeito com que uma criança contempla

a sua obra quando bate alguém de forma dura. O rei olhou pensativo por algum tempo o seu agressor, e lentamente pegou um caderno do bolso no peito.

– Tenho algumas notas para o meu discurso fúnebre – e virou as folhas. – Discurso fúnebre por assassinato político, idem, se por ex-amigo... hum, hum. Discurso fúnebre por morte nas mãos de um marido afrontado (e arrependido), discurso fúnebre para o mesmo (mas cínico). Não estou certo de qual seria adequado para o presente ...

– Eu sou o rei do castelo – disse o menino, de forma truculenta, e muito satisfeito por alguma razão.

O rei era um homem bondoso, e gostava muito de crianças, como todas as pessoas que gostam do ridículo.

– Infante, estou contente por ser tão valente defensor da antiga e inviolável Notting Hill. Toda noite olhe acima, meu filho, onde levanta-se entre as estrelas, tão antiga, tão solitária, tão indizivelmente Notting. Enquanto estiver pronto para morrer pela montanha sagrada, mesmo que cercado por todos os exércitos de Bayswater...

O rei parou de repente, e seus olhos brilhavam.

– Talvez, talvez a mais nobre de todas as minhas concepções. Um reavivamento da arrogância das antigas cidades medievais aplicadas aos nossos gloriosos subúrbios. Clapham com uma guarda cidadina. Wimbledon com uma muralha. Surbiton tocando o sino para chamar seus cidadãos. West Hampstead para a batalha com sua própria bandeira. Deveria ser feito. Eu, o

rei, digo isso – e apressadamente apresentou o menino com meia coroa, observando: – Para o fundo de guerra de Notting Hill – e então correu violentamente para casa com tal velocidade que as multidões o seguiam por milhas. Ao chegar a seu escritório, pediu uma xícara de café, e mergulhou em profunda meditação sobre o projeto. Finalmente, ele chamou o seu escudeiro favorito, o capitão Bowler, por quem tinha uma afeição profunda, fundada principalmente pela forma de seus bigodes.

– Bowler – disse ele – , não existe uma sociedade de pesquisa histórica, ou algo do qual sou membro honorário?

– Sim, senhor – disse o capitão Bowler, esfregando o nariz – , é um membro dos “Incentivadores do Renascimento Egípcio”, “Clube dos Túmulos Teutônico”, “Sociedade para a Recuperação de Antiguidades de Londres”, e ...

– Admirável! – disse o rei. – O de “Antiguidades de Londres” é adequado. Vá para a “Sociedade para a Recuperação de Antiguidades de Londres” e fale com seu secretário, seu subsecretário, seu presidente, e seu vice-presidente, dizendo: ‘O rei da Inglaterra é orgulhoso, mas o membro honorário da Sociedade de Recuperação de Antiguidades de Londres é mais orgulhoso do que reis. Gostaria de dizer-lhe de certas descobertas que fiz no tocante as tradições negligenciadas dos bairros de Londres. As revelações podem causar alguma emoção, agitando memórias ardentes e tocar em velhas feridas em Shepherd’s Bush e Bayswater, em Pimlico e South Kensington. O rei hesita, mas o membro honorário é firme. Aproximo-me invocando os votos de

minha iniciação, os Sagrados Sete Gatos, o Poker de Perfeição, e a Provação do Instante Indescritível (perdoem-me se misturá-los com o Clã-na-Gael ou algum outro clube a que pertenço), e peço que me permitam ler um artigo em sua próxima reunião: "As guerras dos bairros de Londres".? Diga tudo isso para a sociedade, Bowler. Lembre-se com muito cuidado, pois é importante, e esqueci tudo completamente, e envia-me uma xícara de café e alguns dos charutos que mantemos para pessoas bem sucedidas e vulgares. Vou escrever o meu artigo.

A Sociedade para a Recuperação de Antiguidades de Londres encontrou-se um mês depois em um salão de ferro corrugado, nos arredores de um dos subúrbios ao sul de Londres. Um grande número de pessoas tinha se ajuntado lá sob grossos e flamejantes jatos de gases, quando o rei chegou, suado e genial. Ao tirar o sobretudo, perceberam que estava em traje de noite, com a liga da Jarreteira. Sua aparição na pequena mesa, adornada apenas com um copo de água, foi recebida com aplausos respeitosos.

O presidente (Sr. Huggins) disse que tinha certeza de que todos já tiveram o prazer de ouvir tais professores ilustres já há algum tempo (bravo, bravo). O sr. Burton (bravo, bravo), o sr. Cambridge, o professor King (uma exortação continuada), o velho amigo Peter Jessop, sir William White (gargalhadas), e outros homens eminentes que honram este pequeno empreendimento (aplausos). Mas havia outras circunstâncias que emprestam uma certa qualidade exclusiva para a ocasião presente (bravo, bravo). Até onde vai sua

lembrança, e em relação a Sociedade de Recuperação de Antiguidades de Londres vai muito longe (aplausos altos), não se lembrava de que qualquer um de seus palestrantes que tivesse o título de rei. Ele iria, portanto, chamar o rei Auberon brevemente para tratar da palestra.

O rei começou por dizer que este discurso pode ser considerado como a primeira declaração de sua nova política para a nação.

– Nesta hora suprema da minha vida sinto que a ninguém, senão aos membros da Sociedade para a Recuperação de Antiguidades de Londres posso abrir meu coração (aplausos). Se o mundo ir contra minha política, e as tempestades de hostilidade popular começarem a subir (não, não), sinto que é aqui, com meus bravos recuperadores em torno de mim, que posso combatê-los melhor, com a espada na mão (altos aplausos).

Sua Majestade, em seguida, passou a explicar que, agora que a velhice se aproxima, propôs-se a dedicar sua força restante para trazer um sentido mais agudo de patriotismo local nos diferentes municípios de Londres. Como tão poucos deles conheciam as lendas de seus bairros próprios! Quantos havia que nunca tinha ouvido falar da verdadeira origem do Wink de Wandsworth! E que uma grande parte da geração mais jovem em Chelsea deixou de interpretar o velho Chuff Chelsea! Pimlico já não bombeava os Pimlies. Battersea tinha esquecido o nome de Blick.

Houve um breve silêncio, e então uma voz disse:

– Que vergonha!

O rei continuou:

– Sendo chamado, mesmo indignamente, a este grande papel, resolvi que, na medida do possível, essa negligência cessará. Não desejo glória militar. Não reivindico igualdade constitucional com Justiniano ou Alfred. Se posso passar na história como o homem que salvou da extinção alguns velhos costumes ingleses, se os nossos descendentes possam dizer que foi através deste homem, humilde como ele era, que os dez nabos ainda são consumidos em Fulham, e que o conselheiro da paróquia ainda raspa metade da cabeça em Putney, quando chegar a hora de descer até a última casa de Reis, vou procurar meus grandes pais com reverência mas não com medo no rosto.

O rei fez uma pausa, visivelmente emocionado, mas se recompôs, e retomou mais uma vez.

– Acredito que muito poucos de vocês, pelo menos, precisariam de mim para debruçar sobre as origens sublimes dessas lendas. Os próprios nomes de seus bairros testemunham para elas. Enquanto Hammersmith é chamado de Hammersmith, o seu povo vive na sombra do herói primordial, o ferreiro, que liderou a democracia da Broadway para a batalha até que enfrentou os cavaleiros de Kensington e derrubou-os no lugar que em honra do melhor sangue da aristocracia derrotada ainda é chamado Kensington Gore. Os homens de Hammersmith não deixarão de lembrar que o próprio nome de Kensington veio dos lábios do seu herói. No grande banquete da reconciliação realizada após a guerra, quando os oligarcas desdenhosos se

recusaram a participar das canções dos homens da Broadway (que são até hoje de um caráter rude e popular), o grande líder republicano, com seu humor áspero, disse as palavras que estão escritas em ouro acima de seu monumento, 'Passarinhos que podem cantar e não cantam, deve-se fazê-los cantar.' E a partir de então os cavaleiros do oriente foram chamados de Cansings ou Kensings. Mas vocês também têm ótimas lembranças, ó homens de Kensington! Mostraram que podem cantar, e cantar grandes canções de guerra. Mesmo após o dia escuro de Kensington Gore, a história vai não esquecer os três cavaleiros que guardavam a sua retirada desordenada do Hyde Park (chamado assim pelo esconderijo lá), os três cavaleiros por quem Knightsbridge foi assim nomeado. Nem vai esquecer o dia de sua reemergência, purificada no fogo de calamidade, purificada de suas corrupções oligárquicas, quando, de espada na mão, dirigiram o Império do Hammersmith de volta milha por milha, o empurraram até a Broadway, e o partiram, finalmente, em uma batalha tão longa e sangrenta que as aves de rapina deixaram seu nome acima. Homens o chamaram, com ironia austera, de Ravenscourt. Não devo ferir o patriotismo de Bayswater, ou o orgulho solitário de Brompton, ou que de qualquer outro município histórico, tomando estes dois exemplos como especiais. Eu os selecionei, não porque eles são mais gloriosos do que o resto, mas em parte por associação pessoal (eu mesmo sou descendente de um dos três heróis de Knightsbridge), e parto da consciência de que sou um antiquário amador, e não

posso pretender lidar com tempos e lugares mais remotos e mais misteriosos. Não é para mim resolver a questão entre homens como Professor Hugg e Sir William Whisky se Notting Hill significa Nutting Hill (em alusão às madeiras ricas que já não a cobrem), ou se é uma corrupção de Notting-ill, referindo-se a sua reputação entre os antigos como um paraíso terrestre. Quando um Podkins e um Jossy confessam dúvidas sobre os limites do West Kensington (diz ter sido traçada no sangue de bois), não preciso ter vergonha de confessar uma dúvida similar. Vou pedir-lhes para me desculpar com o aprofundamento da história, e para me ajudar a lidar com o problema que hoje enfrentamos. Deve o espírito antigo dos municípios de Londres morrer? Devem nossos condutores de ônibus e policiais perder totalmente a luz que vemos tão frequentemente nos seus olhos, a luz sonhadora de

“Coisas velhas, infelizes e distantes

E lutas de muito tempo”

para citar palavras de um poeta pouco conhecido, que era meu amigo na minha juventude? Resolvi, como disse, na medida do possível, preservar os olhos de policiais e condutores de ônibus em seu presente estado de sonho. Pois o que é um estado sem sonhos? E o remédio proposto é como se segue:

– Para amanhã de manhã, vinte e cinco minutos depois das dez, se o céu poupar minha vida, pretendo fazer uma proclamação. Tem sido o trabalho da minha vida, e está semiacabado. Com a ajuda de um whisky com soda, vou terminar a outra metade à noite, e meu povo vai recebê-la amanhã.

Todos estes bairros onde nasceram, e esperam colocar seus ossos, deverão ser restabelecidos em sua magnificência antiga, Hammersmith, Kensington, Bayswater, Chelsea, Battersea, Clapham, Balham, e uma centena de outros. Cada um deverá imediatamente construir uma muralha com portas para serem fechadas ao pôr do sol. Cada um deve ter uma guarda da cidade, armada até os dentes. Cada um deve ter uma bandeira, um escudo de armas, e, se conveniente, um grito de reunião. Não vou entrar em detalhes agora, meu coração está muito cheio. Eles poderão ser encontrados na proclamação em si. No entanto, todos deverão se inscrever nas guardas locais da cidade, para serem convocados por uma coisa chamada tocsin<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Hugmy-in-the-Hole = Abrace-me no buraco Não existe “hugmy” em dicionários, mas soa similar a “hug me” (abraçe-me)

# Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.